

Uma batalha coletiva pela saúde

Moradores de Curitiba se unem para salvar a vida de uma garota

Francisco Duarte

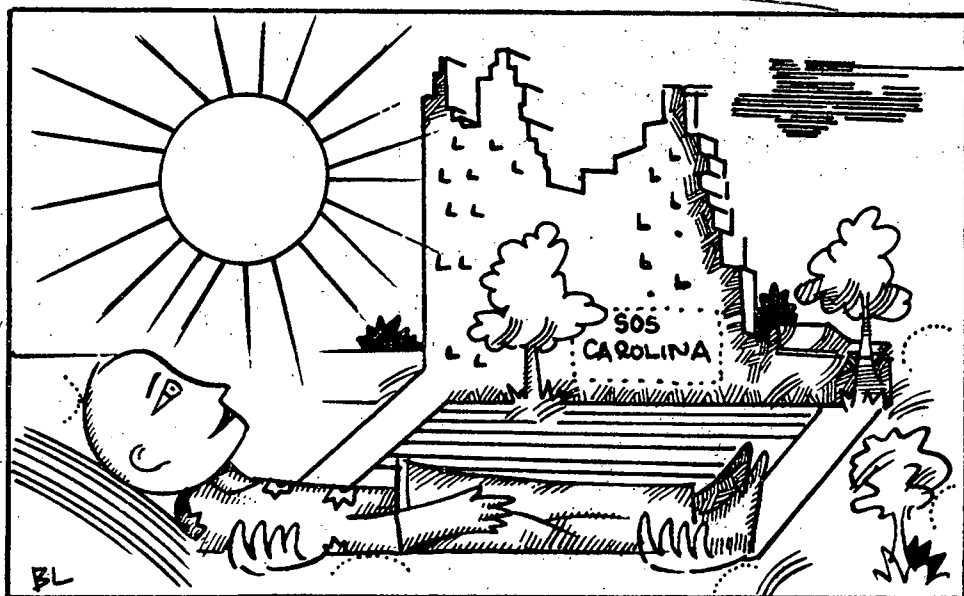
CURITIBA — Há dois meses esta capital vive emocionada uma campanha para salvar a vida da menina Carolina Ferri, de 8 anos e enormes olhos verdes, portadora de leucemia mieloide aguda. Os pais — Nelson e Doroti Ferri — são os heróis desta história, que para ter final feliz depende do sucesso do autotransplante de medula óssea (onde estão as células-mãe do sangue) a que Carolina será submetida nos próximos dias, no Memorial Hospital, em Nova Iorque. Este transplante é a única chance que a menina tem de vencer a doença. O processo consiste, resumidamente, na retirada da medula e seus posteriores congelamento, tratamento e reimplante.

Desde a quarta-feira passada, Nelson, Doroti e Carolina estão vivendo a fase decisiva desta história que se iniciou em fevereiro deste ano, quando a mãe preocupou-se com a repentina palidez da garota e conheceu o resultado do exame de sangue pedido pelo médico da família. Na quarta-feira eles embarcaram para os Estados Unidos, com passagens doadas pela Panam, através de uma entidade educacional de Curitiba, e com US\$ 100 mil (quase Cz\$ 100 milhões no câmbio paralelo) para pagar o tratamento.

Mas não foi fácil chegar até esse ponto. Família de classe média — O pai é dono de um escritório de contabilidade e a mãe tinha uma confecção caseira —, os Ferri recrutaram todos os amigos para a empreitada de custear o tratamento de Carolina nos Estados Unidos. Se ela tivesse um irmão consanguíneo para ser o doador, o transplante poderia ser feito em Curitiba mesmo, onde o Hospital de Clínicas já realizou mais de uma centena dessas operações com sucesso. Mas o único irmão de Carolina — Carlo Alexandro — é, como ela própria, filho adotivo dos Ferri.

Inicialmente foram realizados bailes, almoços, bingos e tudo o mais que pudesse servir para arrecadar o dinheiro. Mas a campanha pegou fogo mesmo depois que o colunista social Dino Almeida, que escreve no maior jornal de classificados do Paraná, a *Gazeta do Povo*, colocou uma nota em sua coluna, a pedido de Nelson Ferri, lançando a campanha SOS Carolina e pedindo contribuições através de duas contas bancárias (no Bradesco e Bamerindus). Foi o suficiente para que a cidade passasse a viver solidariamente o drama da família Ferri.

A estatal telefônica do Paraná (Telepar) abriu o serviço 101 para receber as doações em dinheiro, cobradas nas contas telefônicas. Em seguida, o banco Bamerindus abriu mão de



alguns espaços publicitários comprados da TV Paranaense, repetidora da Globo na capital, para veiculação da campanha. Era o que faltava.

Jesuína, uma das supervisoras do serviço de interurbanos da Telepar recorda os primeiros dias em que a campanha foi ao ar: "Nossas 40 linhas ficavam totalmente congestionadas durante horas, bastava aparecer a propaganda na televisão". A peça publicitária foi feita pela Agência Umuarama, vinculada ao Bamerindus, e mostra a foto sorridente de Carolina, já sem os cabelos, e o apelo de uma criança da mesma faixa de idade: "A Carolina não está só pedindo ajuda. Ela está pedindo para viver".

— Nós corremos muito, tínhamos que chegar uma a uma as ligações para evitar os trotes (ocorreram alguns), mas valeu a pena — relata

ainda emocionada a telefonista Jesuína, que não se recorda de nenhuma outra campanha que tivesse provocado de tal forma a solidariedade dos paranaenses. As contribuições médias foram de Cz\$ 3 mil (a Telepar ainda não tem o total computado), mas variaram dos Cz\$ 200,00 aos Cz\$ 200 mil, esta feita em conjunto por uma família inteira.

O clima de mutirão emocional chegou aos dois clubes do Paraná que participam do Campeonato Brasileiro, o Coritiba e o Atlético. Os times realizaram dois jogos (com o Botafogo e com o Flamengo) com parte da renda destinada à campanha. Na partida contra o Flamengo, além dos Cz\$ 5,2 milhões, a campanha SOS Carolina ganhou a camisa número 10 de Zico, que foi leiloada.

Notoriedade provoca ciúmes

Carolina é em quase tudo uma menina igual às de sua idade. Expansiva, acostumada já com os repórteres, fotógrafos e cinegrafistas das emissoras de TV, tanto pode começar uma entrevista empolgada, como esnobar um ar de saturação pela notoriedade. Por onde anda é reconhecida e, nas poucas vezes em que isto não ocorre, trata de se apresentar com um "oi, eu sou a Carolina". Ela sabe que está doente e diz que sua viagem aos Estados Unidos será para "sara e tirar cateter". E anda animada com a promessa que a mãe lhe fez de comprar nos EUA uma bicicleta nova, de presente de Natal.

As crianças de sua faixa etária, e com as quais convive, exibem um leve ar de ciúme pela notoriedade da amiga e explicam que Carolina está doente "porque comeu muito doce e não se alimentou direito". O irmão de 4 anos, Carlo, diverge: "É porque ela tomou muito remédio."

Carolina não se interessa muito pela razão da doença e o que quer mesmo é se ver livre do cateter (repete isto insistentemente) que acessa a uma das veias que descem do seu pescoço e que está permanentemente com ela desde o início das sessões de quimioterapia.

O autotransplante da medula óssea, que vai salvar a vida de Carolina, será realizado por uma equipe de médicos, da qual faz parte uma brasileira, a doutora Norma Wollner, diretora da pediatria do Memorial Hospital, em Nova Iorque. Foi ela quem disse a Nelson Ferri que a vida de sua filha dependia desse tratamento. O período mais crítico é o do pós-transplante, quando podem ocorrer complicações de ordem infecciosa, nutricional e metabólica. Daí a necessidade de o paciente passar os três primeiros meses de recuperação sob a observação da equipe médica. (F.D.)